EXCLUSÃO CULTURAL A AUSÊNCIA DA CULTURA NEGRA EM *ARTES & ARTISTAS*

CULTURAL EXCLUSION THE ABSENCE OF THE BLACK CULTURE IN THE MAGAZINE ARTES & ARTISTAS

Rute Andrade Castro[1]
Nancy Rita Sento Sé de Assis[2]

Resumo: Analisando uma revista de elite que foi publicada em Salvador de 1920 a 1924, *Artes & Artistas*, pode ser observado o quanto a cultura festiva negra foi ignorada ou reprimida pelas elites. As queixas sobre a falta de divertimentos na cidade, apesar do rico calendário festivo, eram freqüentes. Essa parecia ser a forma encontrada pelas elites de barrar o desenvolvimento da cultura negra, apesar das resistências.
Palavras-chave: *Artes & Artistas*, Divertimentos, Elites, Salvador - Ba.

Abstract: Analyzing a magazine of the elite that was published in Salvador-Ba from 1920 to 1924, Arts & Artists, it can be observed how much the black festive culture was ignored or restrained by the elites. The complaints on the lack of amusements in the city, although the rich festive calendar, were frequent. This seemed to be the form found for the elites to bar the development of the black culture, despite of the resistances.
Key-words: Arts & Artists, Amusements, Elites, Salvador - Ba.

Com a abolição da escravidão o império sofreu seu último grande golpe e, a partir de 1889, se fazia necessário construir não só um novo projeto político, mas uma nação. Esta, segundo as teorias da época, estaria condicionada pelas características das raças que a comporiam. Os escravos haviam sido libertos e, com a Republica, eles e seus descendentes, de maioria mestiça, poderiam vir a se tornar cidadãos da nova nação e, provavelmente, limitariam, segundo muitos

[1] Graduada em História - UEFS, Especialista em História da Bahia - UEFS e Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional – UNEB com a dissertação intitulada "Salvador da Bahia entre *Écrans*, Redes e Picaretas – Uma leitura de *Artes & Artistas*. *Email:* rucastro81@hotmail.com
[2] Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Email: nrsentose@yahoo.com

teóricos da época, o desenvolvimento desta, que queria se igualar aos países considerados civilizados. A imagem do negro degenerado, bêbado, imoral, violento etc. se multiplica, embasada pelas "teorias científicas" positivistas e deterministas que se propunham explicar tais degenerações, considerando-as hereditárias e, paralelamente, insinuando ser a ascendência africana muito "perigosa". Os negros não eram considerados só degenerados por não agirem de acordo com o que se queria deles, mas também por serem elementos "plenos de vícios", ou seja, mesmo os que aparentemente se comportavam, deveriam ser olhados com desconfiança por terem propensão a práticas condenáveis.

Para Lilia Schwarcz (1987), Dentre as práticas bárbaras negras três merecem destaque: os "sambas, as capoeiras e as feitiçarias". O primeiro era tido como uma exótica prática negra e tolerada às vezes, mas costumava-se salientar o quanto tal pouco civilizada dança costumava gerar conflitos principalmente quando associada às capoeiras, consideradas verdadeiras armas. Os feiticeiros, por outro lado, incomodavam por representarem um saber popular do qual os médicos, com suas técnicas e aparatos medicinais modernos, eram avessos. Os sambas representavam, dentre outras coisas, uma manifestação popular autônoma de uma classe "perigosa", as capoeiras, de uma forma concreta, o poder físico dos negros que poderia ser usado em manifestações populares e as feitiçarias concorriam com o saber médico superestimado em tempos de busca pela modernidade. Essas heranças africanas eram vistas como hábitos atrasados, impossíveis de conviverem com os avanços que os novos tempos traziam.

A suposta flexibilidade do sistema multirracial brasileiro repousava sobre premissas essencial e disfarçadamente racistas. Na hierarquia que foi se formando, o branco europeu representava o topo, já que possuía as características físicas mais estimadas socialmente. Os brasileiros costumavam ter o mais branco por melhor, o que deixa implícito um ideal de "branqueamento" que esteve presente em variadas situações e oportunidades, às vezes de forma sutil, outras nem tanto.

Para T. Skidmore (1976), o pós abolição foi um momento especialmente problemático para a população negra, pois, precisando conseguir sobreviver, e não encontrando como, em sua maioria tomaram três caminhos: viraram funcionários rurais ou migraram para procurar uma colocação nas cidades, que estavam despreparadas devido

ao tamanho influxo; incorporaram-se aos grupos dos chamados capoeiras, cuja violência se tornou famosa e foi uma das causas do aumento da força policial. Isso serviu para reforçar a imagem do negro como um elemento atrasado e anti-social, estimulando as elites a trabalharem por um país mais branco. Apesar do discurso da ausência de preconceito racial, a própria imprensa noticiava casos diários de preconceito contra negros e mulatos. Como não existia uma barreira de cor institucionalizada como nos Estados Unidos nem o estabelecimento de duas castas, branca e não-branca, costumava-se pensar o Brasil em termos de uma suposta tolerância, consagrada pela existência do mulato. Este, quanto mais branco, maiores suas chances de ascender ao topo da hierarquia social.

Bourdieu (1983) vê o racismo como instrumento das classes no poder para garantir sua manutenção, sendo suas variações fruto das necessidades peculiares de tais classes. Nesse contexto se dedica a analisar o que batizou de "racismo da inteligência". A partir do momento que sua reprodução depende da transmissão do seu capital cultural, que foi herdado de gerações anteriores, tido como "natural", surge a necessidade de repelir o que não atende tais padrões, pois constituem ameaças à manutenção dos seus privilégios. Desse modo, o racismo da inteligência visa justificar a ordem social estabelecida. A forma mais utilizada no século XX para efetivar tal legitimação é a científica, através da cooperação da ciência com o que lhe pediram pra justificar, a dominação de uma classe.

A idéia de um Brasil onde predominava a harmonia entre as raças, já não mais é aceita nos meios intelectuais, aqui também existiram tendências a uma busca por embranquecimento. Isso se deu principalmente através do estimulo às migrações européias – independentemente das motivações econômicas para tanto – e das constantes privações às quais os afro-descendentes foram submetidos ao longo da história. Mesmo assim, existiram diversas formas de tentar resistir a esses mecanismos, o que é evidenciado inclusive pela existência de uma imprensa negra em muitas cidades brasileiras. Essa tentativa de produzir publicações similares às produzidas pelos brancos, pode tanto ter sido uma forma de resistência quanto uma manifestação da assimilação dos valores brancos pelos negros, mas de qualquer sorte, eram compostas de textos que discutiam a condição do negro, inclusive

a ignorância de se condicionar o valor de um ser humano pela cor da pele.

Nos diversos textos existentes sobre a condição do negro em Salvador, no período aqui estudado, sempre se ressalta a sua posição inferiorizada em relação ao branco e a sua associação a tudo que era considerado "incivilizado", fazendo-se sempre referência, descredenciadora, à ligação das suas práticas e comemorações às tradições africanas. A opinião corrente de que as disparidades entre brancos e não brancos se devia à herança da escravidão ou a uma suposta incapacidade do negro em Salvador é rejeitada por Bacelar (2001). Em sua opinião, o que ocorreu foi que, após 1888, o grupo dominante colocou em prática várias ações para barrar a ascensão dos ex-escravos e seus descendentes, na tentativa de controlá-los. Ele – o grupo dominante – não queria alterações na estrutura de poder da sociedade e se identificava com a "prestigiosa civilização européia", daí os cuidados com a presença negra ou mestiça na vida da cidade em vários aspectos, desde o lugar onde moravam e trabalhavam até a forma como se divertiam.

Com relação ao trabalho, os negros livres, que compunham a maioria da população, tinham o controle dos seus meios de produção, trabalhando em oficinas, na construção civil ou no pequeno comércio e nos serviços de ganho. Isso se dava também porque, apesar da escravidão ainda estar presente no século XIX, os cativos eram em grande parte de ganho ou de aluguel, o que permitia aos escravos uma vida às vezes semelhante à de alguns libertos, no sentido de que podiam circular pela cidade, ter renda e contato com diversos grupos etc. O próprio desenvolvimento da história favoreceu a manutenção, pelos negros, livres, libertos ou escravos, das posições que ocupavam no mercado de trabalho. A lavoura cacaueira manteve as populações do campo em seus locais de origem ou favoreceu uma emigração entre "interiores", evitando grandes afluxos populacionais para Salvador; além disso, em período algum se viu aportar na cidade um contingente estrangeiro significativo.

A ascensão do negro na sociedade e no mundo do trabalho não encontrou facilidades. Com o fim do trabalho escravo, o que prevaleceu foi o desejo de colocar em prática ideais civilizatórios que atestavam à inferioridade da população local e a desvalorização da sua mão-de-obra. A imigração estrangeira seria a solução, por isso começou-

se a buscar o inteligente e laborioso imigrante branco europeu. As elites não pensavam em dar trabalho para os escravos que foram libertos nem aos seus descendentes, ignorava-se o que fariam para sobreviver. As autoridades disseminavam um discurso a favor da necessidade da mão-de-obra européia, mas na verdade o que se buscava era a "limpeza da raça", com implicações também na cultura. Salvador não modificou sua economia na Primeira República, mas nem isso ajudou na inserção do negro liberto no mercado de trabalho.

Diante da equivalência jurídica de todos os indivíduos, instituída pela República, passando o negro a ter direitos e deveres como qualquer um, surge um discurso assimilacionista que pregava a igualdade entre as raças, de acordo com os interesses das classes dominantes, que temiam revoltas e uma verdadeira subversão da ordem. Paralelamente, entretanto, era indispensável para essas classes defender a supremacia dos brancos e a inferioridade dos negros para manter a ordem vigente e justificar, ideologicamente, as condutas relacionadas às distinções entre as raças. Na imprensa quase nunca se via informações sobre conflitos raciais, mas a perspectiva em relação ao negro era de extrema estigmatização.

O discurso assimilacionista da igualdade racial impedia a organização de uma luta dos não brancos contra as limitadas possibilidades que tinham por causa do seu tom de pele e da caracterização negativa do seu cotidiano. Sobre este último diziam as elites ser atrasado, sem família organizada, degenerado sexualmente, fetichista. Isso servia para deixar clara a sua posição desigual e inferior dentro da sociedade. Além disso, a literatura sobre a presença do negro em Salvador após a abolição concentrou-se na questão da cultura. A conseqüência disso foi a elaboração de uma imagem do negro que ignorava sua luta e participação na vida social, restringindo-a ao plano cultural. A história do negro no período é quase que a história da sua ausência, seja nas políticas que regem a vida social, no trabalho ou no lazer, completamente apático perante as várias formas de opressão. A publicação da maior parte dos conteúdos da revistas *Artes & Artista* reflete isso, ao omitir de suas páginas todas as contribuições afro-descendentes; na verdade era como se não existissem negros na Bahia, muito menos uma cultura negra.

As teorias raciais pregavam a inferioridade biológica e cultural dos negros, além dos problemas da mestiçagem, e estava de acordo

com os ideais dos grupos dominantes, mas isto não era exposto diretamente. Colocar estas idéias claramente poderia despertar nos negros e mestiços um sentimento que os levasse a se organizar sectariamente, algo, historicamente, extremamente perigoso, tendo-se em vista que constituíam uma população majoritária. Surtiria muito mais efeito formar deles uma imagem negativa, baseada nas suas práticas e vivências, tornadas naturais, como a de vadio, criminoso, alcoólatra, feiticeiro etc. Aos poucos foi formada duas identidades opostas – a do negro, inferior e incivilizado, contrastando com a do branco, superior e civilizado, de acordo com os padrões europeus. Gestos de preconceito passaram a fazer parte do cotidiano da sociedade – agora não mais respaldados no estatuto jurídico diferenciador (escravos X livres) – "naturalizando" uma hierarquia entre as raças.

Para a construção de uma nação civilizada, as elites precisavam apagar da história, um amplo conjunto de preferência sem deixar vestígios, tais como as heranças culturais e religiosas ligadas às práticas africanas. Estas eram associadas à barbárie, que não deveria fazer parte de uma nação que se pretendia parte de um processo civilizatório ocidental. Os negros baianos foram perseguidos em suas práticas cotidianas, pode se pensar que as elites não queriam que os afro-descendentes cultivassem os hábitos dos seus antepassados, como, por exemplo, o candomblé, no campo da religiosidade.

A aceitação do negro era difícil nas várias áreas da sua vida, e não seria diferente na forma de se aliviar das tensões cotidianas, com suas festas organizadas ou espontâneas, religiosas ou profanas. Estas se tornaram um verdadeiro estorvo para as elites, que desejavam para Salvador a disseminação das modernas formas de lazer, dissociadas da África na mesma proporção da sua ligação com a cultura branca européia ou norte-americana. Daí a necessidade de se controlar as formas de lazer da população soteropolitana.

No final do século XIX, emergiu em Salvador uma concepção de urbanidade civilizada, inserida em um contexto de importantes transformações sociais em voga no Brasil, que tinha como um de seus pressupostos o controle das populações negras. Os novos códigos de conduta da modernidade buscavam construir uma cidade civilizada atuando na cultura e na estrutura urbana das cidades brasileiras. Na cidade de Salvador, o grande contingente de negros que precisava ser

"adestrado" para saber se comportar na urbes moderna era um incômodo. No caso de não se enquadrarem nesse novo ordenamento social político e urbano idealizado pelas elites, os negros e mestiços deveriam ser eliminados do centro da cidade, se não física, já que não se podia ainda abrir mão dos seus serviços, pelo menos culturalmente (SANTANA, 2005).

1. O Contorle das formas de lazer

Nesse contexto surgiu, em 1920 (com números semanais até 1924), uma revista que tratava de diversos aspectos, mas destaca-se as questões em que se pretendia "atuar" através da divulgação dos ideais de modernidade que então permeavam a sociedade soteropolitana, a revista *Artes & Artistas*. Fez isso publicando artigos que versavam sobre mudanças na sociedade soteropolitana, enredo de filmes, críticas à falta de lazer na cidade, notícias sobre as artes e o teatro e biografias de diversos artistas de cinema. Os ideais de modernidade e civilização divulgados, porém, contrapunham-se a alguns aspectos da realidade social, onde prevalecia um baixo poder aquisitivo, população densa, casas inadequadamente construídas, surtos epidêmicos, falta de esgoto e higiene. Este trabalho trata de alguns dos instrumentos utilizados para trazer a modernidade à velha capital baiana, utilizando-se de uma fonte expressiva em se tratando de ideais de modernidade da elite baiana, dos quais a revista *Artes & Artistas* recorrentemente se ocupava, tornando-se, assim, fonte expressiva dos anseios e expectativas de modernidade das elites soteropolitanas.

No período aqui estudado, foram constantes os conflitos das classes dominantes com as camadas populares no processo de redefinição do espaço público e privado. As normas de conduta para quem circulava pela cidade existiam, mas costumavam não ser cumpridas por quem se deslocava. Essas preocupações foram aos poucos se refletindo num movimento de segregação espacial, restringindo-se, de alguma forma, a ocupação de áreas centrais da cidade ou até mesmo o seu acesso. Nesse contexto, destaca-se a existência de práticas e valores culturais negros que, independentemente das demais lógicas propostas possuíam sua fundamentação e dimensão de sentido e de valores para quem os

praticava, e, por si somente, se opunham às tentativas de controle e subordinação das classes dominantes.

A repressão aos divertimentos que fugiam a esses padrões não constituiu exceção. Além de não serem consideradas civilizadas, as elites desejavam também dificultar reuniões que animassem o espírito de rebeldia. As autoridades sempre tiveram reservas com relação aos negros, pois tinham consciência da sua condição na sociedade. Com o exercício de trabalhos de rua, sempre estavam em contato com outros desfavorecidos, podendo assim planejar motins e revoltas. A utilização dos espaços pelos negros para seus divertimentos foi marcada por momentos de repressão e tolerância. Para as elites, em oposição ao trabalho, esses espaços eram marcados por uma completa desordem em se tratando tanto das leis quanto da moral e da decência. Ao longo da história sempre se verificou no território brasileiro, onde a escravidão era significativa, tentativas de controle dos negros, chegando-se a proibir os escravos de participarem de batuques, danças, casas de jogos e a circulação à noite. Isso piorou ainda mais com a proximidade da abolição e, posteriormente, com as reformas modernas, apesar de os negros conseguirem, volta e meia, burlar estas tentativas de controle (SANTANA, 2005).

O controle dos hábitos da população estava encaixado no mesmo projeto higienizador que a princípio se voltou mais para as questões físicas (infra-estrutura, habitação etc.) da cidade (LEITE, 1996). Comportamentos individuais, familiares e coletivos passaram a sofrer com a compreensão e a interferência dos "reformadores". A mendicância, os cultos não encaixados devidamente nos padrões cristãos estabelecidos e as manifestações populares se tornaram grandes alvos. Uma parcela da sociedade baiana via essas questões como sintomas da "incivilização" brasileira, não se preocupando com o bem estar da população, como o combate à mendicância ou aos cortiços; pode levar a crer, que só o que lhes incomodava era a presença dessas "coisas" na rua, "enfeiando" ainda mais a *urbes*.

Tentou-se promover uma espécie de embranquecimento cultural, controlando as formas de lazer da população baiana. A ânsia por reformas urbanas, por novas formas de divertimento mais individualizadas (o cinematógrafo, por exemplo) ou mais condizentes com as necessidades modernas (os esportes) contagiaram a população,

muito influenciada pela intensa propaganda dos jornais. Como menciona Raimundo Nonato, "Entre as modernas opções de lazer o cinema destaca-se pela influência que iria exercer, propiciando modificações de valores, costumes e imaginário" (FONSECA, 2002: 57). O cinema foi considerado na Bahia, e em outras partes do mundo moderno, um instrumento do processo civilizador, que incluía outras formas de divertimento, como o ciclismo, o automobilismo, as regatas, o futebol, os jazz-bands, as confeitarias etc.

Lilia Schwarcz (1987), fazendo referência a Caio Prado Junior diz que a ausência de manifestações explícitas nos jornais sobre a escravidão significaria justamente o contrário do que indica um olhar superficial, ou seja, justamente a consciência de que o problema é repleto de significações. O que acontece nas páginas da revista *Artes & Artistas* seria similar, pois também nela não aparecem referencias aos negros nem aos conflitos sociais decorrentes das questões raciais. Resta perguntar se esta negligência não seria proposital, já que a revista, aparentemente, se esquivava de questões polêmicas que não estivessem relacionadas estritamente com as artes e os "modos modernos". Com tantas teorias raciais em discussão na época, com tantos problemas para que a sociedade assimilasse seus pretos livres, a análise do conteúdo revela que a revista se reservava ao direito de só falar em temas "leves" e em criticar a sociedade, sobretudo a soteropolitana, por não querer ser moderna, ignorando todos os problemas estruturais com os quais precisava lidar. A ausência dessa temática não é gratuita; cuidadosamente se optou por ela.

Enfim, existia uma enorme diferença entre o que se queria e o que se tinha. Segundo Risério, em "Bahia com H", as mudanças ocorridas à entrada do século XX em Salvador foram quase imperceptíveis, tanto no que se refere à economia quanto aos hábitos e costumes da população, podendo-se ainda acrescentar a arquitetura e o aspecto urbano da cidade (RISERIO, 1998). Tal visão pode ser exagerada, mas fica difícil negar o quanto Salvador estava ainda distante de se tornar a capital moderna que as elites desejavam. Os artigos da revista *Artes & Artistas*, dentre outros pontos, também considerava a Bahia atrasada. O atraso nas opções de lazer, por exemplo, foi enfatizado desde a publicação do seu primeiro número:

> O movimento nocturno na Bahia quase que se cinge aos cinemas que normalmente funcionam aproximadamente com uma percentagem de 1 ½ % da população. Como se vê, não há vida nocturna na pacata cidade de Thomé de Souza que continua com apego imenso aos costumes do passado, e que vai a muito custo abandonando *(Artes & Artistas*, 1920).

O que se chama de "movimento nocturno" era nada mais que as possibilidades de diversão para uma elite que se modernizava e aderia ao novo hábito do lazer. Mas o que era lazer para essas elites estava longe de ser o mesmo para as classes populares, com forte herança africana. Para as elites baianas, de acordo com o que expressa as narrativas das páginas da *Artes & Artistas,* a boemia era sinônimo de sair à noite para beber e conviver com os poucos artistas nos cabarés, cafés e hotéis construídos de acordo com as regras modernas. Eram muito escassos os logradouros públicos e a oferta de diversões para aliviar as tensões e todo o contragosto que as elites sentiam ao enfrentar os inconvenientes da *urbes* soteropolitana. Este não era o ideal de cidade desejado por elas.

2. "Vida bohemia"

A vida boêmia na Bahia no início do século XX era algo limitado a um pequeno grupo de pessoas e, para os que propunham o diálogo pelas linhas da revista *Artes & Artistas,* seu cultivo era louvável, passando a impressão de que se trata de algo típico das civilizações "avançadas" e, portanto, hábito "cultivável". Para poder falar mais detalhadamente desta prática, a partir do número 48 da revista em questão passa se a publicar, quase ininterruptamente, uma sessão intitulada "Vida Bohemia". Mas, de forma indireta, estabelece uma distinção entre boemia e festividades populares, a primeira está ligada, em suas páginas, aos divertimentos fechados de um grupo restrito que freqüenta lugares selecionados. Fala se sempre de cafés, clubes, hotéis, festas particulares e pessoas que parecem fazer parte de um meio específico, extremamente elitista. A elite baiana desse período era relativamente pequena e talvez por isso fosse possível "localizar" exatamente a sua boemia elegante e se referir discretamente aos adeptos de tal hábito. Vejamos um trecho da primeira publicação desta sessão:

> Nem pelo facto de ter o Palace Club fechado, se deprenhende que pouco haja a contar, pois nas pensões e no cafeé C.D.M. se tem visto coisas do arco da velha. Vamos, pois, dizer das novidades que merecem descripção:
> (...)
> ... O Raul anda pelas pastelarias procurando uma espécie de chocolate raro. Para quem, Raul?
> ... Anuncia-se a viagem de tres bohemios. Vão de aeroplano. Que vôo!
> ... Com o nome da nova inquillina da "Central", Tonico em ido recordações horríveis (*Artes & Artistas*, 1921).

Parece se referir a um mundo fechado, evidenciando que as posições dos artigos da revista *Artes & Artistas* se tratava de uma publicação sem pretensões maiores além da difusão dos hábitos louváveis que, não por acaso, estavam presentes no dia-a-dia das elites. O proponente do artigo, que assina com as iniciais V.V. – presumo que o autor seja um homem, pois, uma mulher da sociedade não teria acesso a tais meios, geralmente noturnos e preponderantemente masculinos – fala do fechamento do Palace, como de algo que, devido à sua importância, ou aos poucos redutos boêmios existentes na cidade, deu margem para que alguns pensassem que a boemia havia sofrido um golpe. Faz questão de salientar outros meios boêmios e de insinuar diversos "casos" ocorridos. Parece uma coluna social sem identidades, que se preocupa muito mais em fazer insinuações que em afirmar algo acertadamente, fazendo referência a pessoas supostamente conhecidas do público leitor, dando a impressão de que a circulação desse periódico era bastante restrita. Quem é Raul? E Tonico? Muito menos se pode deduzir quem seriam "os três bohemios". Na verdade a riqueza de tais expressões não é diminuída pelo anonimato parcial de seus personagens, pois se pode identificar o grupo social ao qual pertencem e alguns indícios de como viviam esses "boêmios" da *Belle Époque* baiana.

Para a alegria dos apreciadores, o Palace Club não permaneceu fechado por muito tempo, o que foi comemorado nesta sessão o que, números depois, é justificado, salientando-se a sua importância:

> O Palace Club é o *boudoir* da vida elegante da Bahia. Quem, por uma vez, apenas, lhe freqüenta o salão de cabaret, vê mil coisas lhe passarem pelos olhos, como um kaleidoscopio animado: São mulheres, umas encantando o olhar, outras fazendo mal à vista (...): enfim, um cosmopolitismo intenso que passa no turbilhão da Hora de loucura.

> (...) E' a orchestra que ensaia eternamente os números que executa, é o freguez que discute a conta, o ponto que perdeu muito ou ganhou doidamente, emfim, uma intensidade de vida ellucinante, no meio de perfis esgalgos, de silhuetas que penetram na alma da gente como punhaes, corpos femininos que parecem cerpentinas de Carnaval, que dançam, que riem, que applaudem, que fazem o coro do *jazz band* da moda:
> "Madalena, Madalena
> Me alegro de ver-te bueña" *(Artes & Artistas,* 1921).

O Palace Club era o local aonde se podia ver muitas novidades passarem diante dos olhos, apresentando uma diversidade de pessoas, mulheres se não todas bonitas, com certeza interessantes, música de orquestra, cantoras e cantores de renome, conversas animadas, corpos dançantes enfim, coisas da moda, elementos constitutivos do padrão de vida interessante da época. Por isso tanto pesar quando o clube fechou e muita alegria com a notícia da sua reabertura, dada números antes. A partir de então quase todas as sessões de Vida Boêmia falam majoritariamente de episódios acontecidos neste clube, evidenciando sua real importância para a vida mundana da época. O Palace representava o cosmopolitismo, a vida em turbilhão se passando num ambiente boêmio moderno, limpo e freqüentado pelas elites que possuem suas almas penetradas por perfis femininos "esgalgos" - demonstrando o ideal de beleza da época, ao associar o poder entorpecedor de uma mulher a seus atributos físicos de altura e massa corpórea – que agiam como punhais.

Esta sessão também é marcada pela ironia e pelo sarcasmo, se referindo de forma debochada aos acontecimentos da noite, às desilusões amorosas dos rapazes e coronéis, viagens etc.

> Fallecimentos:
> Morreu, mais uma vez, no Palace, o Sr. Álvaro, que resuscitou, no mesmo dia, à noite.
> - N'um deplorável estado de miséria pecuniária, "morreu" n'um maço de cigarros e n'uma caixa de phosphoros, o Sr. Tonico de tal. O facto passou-se, ás 11 horas da noite de 28, no Palace Club *(Artes & Artistas,* 1921).

Faz-se graça com rapazes que se divertiram até perderem a consciência, provavelmente por bebida e/ou "excesso de agitação". O acontecimento não é novidade, já havia acontecido antes, justificando ainda mais a chacota feita. É um mundo fechado onde se pode beber

até "morrer", fumar à vontade, algo que seria inadmissível se ocorresse em outros lugares, como em ambientes não elitistas a exemplo de festas populares, de largo ou religiosas. Os valores mudam a depender de onde se está ou de quem se é. Para um operário "morrer" nas ruas seria algo lastimável, mas para os rapazes da elite, boêmios, engraçado.

Mas estas novidades fossem boas, ruins, engraçadas ou não, eram escassas na boemia da cidade, considerada monótona. Resta perguntar por que esta era assim criticada e como averiguar que não se tratava de exagero do redator de tal sessão. Podem se vistos pelo menos dois "motivos" para tais queixas e uma evidência tirada dos próprios textos da revista. O primeiro motivo que pode ser elencado seria o fato de se ignorar os divertimentos e festas populares; se para as elites os centros elegantes e dignos de sua presença, bem como pessoas da sua mesma estirpe para participar da sua vida mundana, eram limitados, não se pode falar o mesmo das festividades que contavam com a participação do povo, mas isso era considerado baderna e não diversão, muito menos boemia. O segundo motivo seria a condição financeira para poder se dar ao luxo de freqüentar lugares tão caros; a elite baiana não era tão numerosa assim e nem estava em um bom momento de desenvolvimento de suas forças produtivas. A evidência à qual me referi linhas acima é bastante simples: como a revista é uma publicação semanal e a sessão "Vida Bohemia" não ocupava mais do que uma de suas páginas, seria impossível em tão exíguo espaço falar de uma boemia intensa e ainda repetir os vários desdobramentos de um mesmo fato. Por ocasião da chegada da cantora lírica Marina Lambert, segue-se vários números a referenciá-la. No número 57 da Revista sua chegada à Bahia é anunciada, bem como sua admirável estréia:

> No domingo estreou, no Palace, a admirável cantôra lyrica, a quem Jannette teve a boa idea de trazer á Bahia. Ha muito que o clube não tem o prazer de ouvir tão linda voz de mulher *(Artes & Artistas,* 1921).

No número seguinte, mais referências, agora à inveja que seu talento descomunal despertava nas suas companheiras do Palace:

> Della nada mais se tem a dizer, consagrada que já vem pela platéas sensatas da Opera-Comica, de Paris e applaudida pelos grandes públicos da Europa.
> As companheiras do Palace continuam como satellites deste astro admiravel de som e harmonia *(Artes & Artistas,* 1921).

Só então se pode entender o porquê de tantos louvores e referências a tal artista, ela já havia cantado na Europa, referência cultural das elites da *Belle Époque*. Por isso também suas colegas ficam tão aquém de seus méritos, elas não foram ovacionadas em Paris. A sessão deste número é toda dedicada ao esplendor de Marina, a cantora lírica referendada por platéias civilizadas. E os outros acontecimentos da vida boêmia da cidade – boemia elegante das elites? Será que se essa vida fosse agitada, por mais importante que se pensasse ser esta cantora, não se falaria mais nada sobre a vida boêmia? Isso só começa a acontecer no número seguinte, cuja sessão se inicia com uma afirmação no mínimo reveladora:

> Passou mais uma semana de vida bohemia, na Bahia. Como todas as outras monótonas e insípidas. Apenas com estes pequenos episódios que nada são no meio em que se realisam.

Existe uma queixa explícita: a insipidez da boemia na cidade, provável indício do porque de se dispor de tanto espaço para falar de uma única cantora. Ainda neste número ela está presente:

> Nas rodas femininas, o grande caso da semana ainda foi o sucesso louco obtido pela eximia cantôra lyrica Marina Lambert.
> (...)
> Ao que nos consta vae ella agora deliciar a platéa do Polytheama, o maior theatro da Bahia. Será uma esplendida continuação do seu sucesso no Palace. E o publico, applaudindo-a, não lhe faz favor.
> Ella o merece e exige *(Artes & Artistas,* 1921).

Mais uma vez o sucesso desta cantora é o tema mais longamente discutido dentre os assuntos expostos nesta sessão. Mais elogios e agora uma novidade, vai para o teatro Polytheama que, se faz questão de salientar, é o maior da Bahia. Ao que parece, dentre as possibilidades que se lhes apresentava, o mais interessante fosse mesmo tal artista, já que o restante eram farras, viagens ou *flirts* de figuras locais. Se a programação da cidade fosse pouco menos pobre, nesse intervalo já teria aparecido uma companhia teatral ou mesmo outra cantora ou cantor dignos de atenção. Mas vale salientar que se fala de possibilidades limitadas para as elites, de poucas possibilidades de divertimentos "civilizados", de reduzidas estórias para contar de um pequeno grupo

de abastados e civilizados baianos. As classes populares e suas festividades são simplesmente ignoradas, deixando claro que se tratava de uma sessão que compunha uma revista extremamente elitista.

As sessões se seguem, falando de pessoas da elite local, insinuando *flirts* e desilusões amorosas e reclamando da (ausência de) boemia em Salvador:

> Como em tudo na Bahia, a sua vida nocturna vae aos poucos diminuindo, desapparecendo e a bohemia como que tomando foros de civilizado filho família, recolhendo-se ao aprisco paternal vae afastando-se do doirado vicio da pandega, as vigilias da alegria as noitadas do amor, n'um reinado incessante da baderna e do riso.
> Tudo isso entre nós já, quasi não existe (...)*(Artes & Artistas,* 1922).

Volto à questão colocada acima da relativização dos valores a depender da classe social. Existe uma queixa acerca da familiarização da vida noturna, que estaria matando a verdadeira boemia, mas o que era esta se não hábitos que se condenava quando cultivados pelos negros em seus momentos livres? Vicio da pandega, vigílias de alegria – regadas a bebidas alcoólicas, noitadas de amor – luxúria. Não se fala dos divertimentos populares, mas parecem ser os verdadeiros ícones da verdadeira boemia!

Referências:

Fontes:

Artes & Artistas. Salvador, números 1 a 154, de outubro de 1920 a fevereiro de 1924.

Artes & Artistas. Salvador, n 155, março de 1924.

Artes & Artistas. Salvador, n 156, julho de 1924.

Artes & Artistas. Salvador, n 157, novembro de 1926.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **O civismo festivo dos baianos:** Comemorações da independência, 1889-1923. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1987.

BACELAR, Jeferson. **Hierarquia das Raças:** Negros e Brancos em Salvador. Editora Pallas. Rio de Janeiro, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O Racismo da Inteligência. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CHALLHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo. Brasiliense, 1986.

FENELON, Dea Ribeiro. O Historiador e a Cultura popular: História de Classe ou história do povo? In: História e Perspectiva: **Revista do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia,** n 06, 1992, pp. 5-23.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Salvador das mulheres:** condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1994.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **Fazendo Fita:** Cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA. Centro de Estudos Baianos, 2002.

LEITE, Rinaldo C. N. **E a Bahia civiliza-se...** Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana, 1912-1916. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.

RISÉRIO, Antônio. Bahia com H – uma leitura da cultura baiana. In: REIS, J.J. **Escravidão e Invenção da Liberdade:** Estudos sobre negros no Brasil. Brasiliense. São Paulo, 1988.

ROUANET, P. S. Ilustração e modernidade. In: **Mal-estar na modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTANA, Ligia Conceição. Territórios e Itinerários Negros em Salvador (moradia, trabalho e divertimento, 1855-187). In: **II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional.** Porto Alegre, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro** – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. Companhia das Letras. São Paulo, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Estático na Metrópole:** São Paulo – Sociedade e cultura nos frementes anos 20. Companhia das Letras. São Paulo, 1992.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco** – Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1976.

Artigo recebido em 12/11/2009 e aceito para publicação em 28/12/2009.